

Palmeira estréia bem no Festival

Participando pela primeira do Festival de Cinema, ator é protagonista do longa mais cotado para levar o prêmio de melhor filme

Rafael Faria
Da equipe do Correo

Bela estréia de Marcos Palmeira no Festival de Brasília. Logo na primeira edição de que participa, compareceu às telas duplamente. Foi aplaudido em cena aberta na comédia romântica *Como Ser Solteiro*, na quarta-feira. E voltou a aparecer ontem, em *Anahy de las Misiones*. O épico gaúcho fechou a noite de competição no Cine Brasília e saiu como franco favorito ao título de melhor filme — pelo menos é o que se pode concluir a partir da reação do público, que aplaudiu demoradamente e efusivamente o filme ao final da projeção.

Antes de *Anahy* foram projetados os curtas-metragens *5 Filmes Estrangeiros*, do diretor brasileiro José Eduardo Belmonte, e *Angelo Anda Sumido*, do cineasta gaúcho Jorge Furtado. Único concorrente de Brasília na edição deste ano do Festival, o filme de José Eduardo Belmonte contou com uma grande torcida da platéia.

"Foi emocionante estar ali (no Cine Brasília). Eu estava muito tímido na subida do palco. Acho que estou com sorte na minha carreira", afirma o galã. Bem, galã, nem tanto. Os dois papéis que trouxeram Palmeira a Brasília fogem do padrão que o tornou popular, sobretudo nas telenovelas: o do macho irresistível, seja como peão de boiadeiro em *Pantanal*, seja como amante latino em *Salsa & Merengue*. "Eu não vivo a imagem do galã ou do *latin lover*. Essa é a ima-

gem que as pessoas fazem de mim". Se depender das impressões deixadas pelos personagens de *Como Ser Solteiro* e *Anahy de las Misiones*, essa imagem vai mudar. No primeiro, Palmeira faz um homossexual carioca que rebola, fala mole e desmoneha, bem ao estereótipo gay. "Construí o personagem intuitivamente, no meio termo entre o homossexual discreto e o mais afetado", explica o ator.

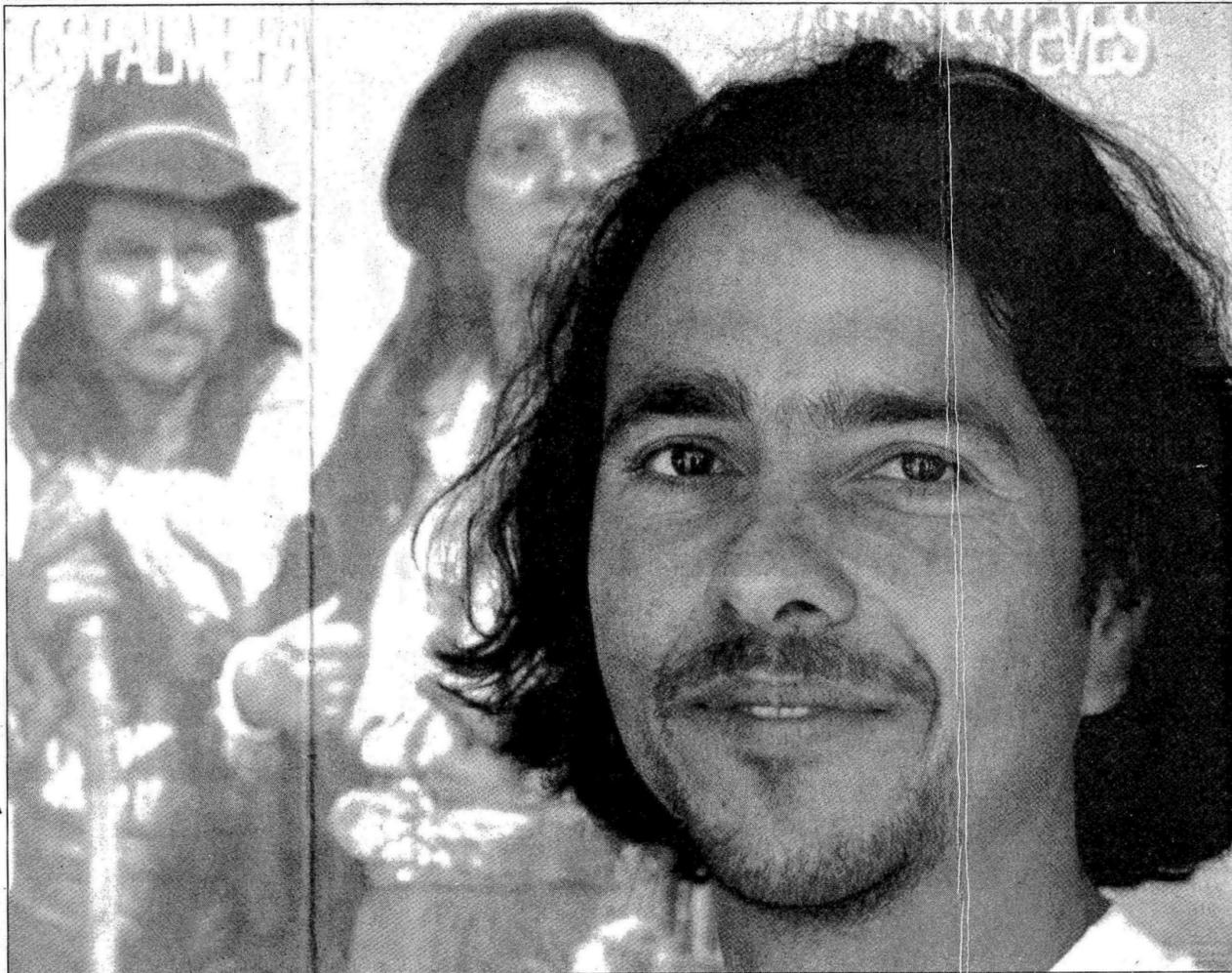
Já em *Anahy*, um trabalho completamente diferente, grave. Como Solano, o filho manco de Anahy, saqueia cadáveres como forma de subsistência econômica no Rio Grande do Sul na época da Revolução Farroupilha (1835-45). "O Solano tem um lado filosófico de encarar a vida. Tem a sabedoria de quem já viu muitas coisas, de quem sabe que a vida segue um ritmo natural que não pode ser quebrado", filosofa.

Marcos Palmeira tanto gostou do festival e se sentiu "honrado" com a recepção que pretende voltar no ano que vem. Dessa vez, com filme brasileiro, o longa *O Casamento de Louise*, que sua irmã, Betse de Paula, quer começar a rodar na cidade em meados do ano que vem.

"O festival tem um lado muito interessante de articulação, de discussão em torno do cinema. E há uma grande concentração de pessoas de cinema. É como se fosse uma feira cinematográfica."

Antes do próximo festival, em maio, Palmeira deve ir às telas em circuito comercial. Esse é o mês previsto para o lançamento da cinebio-

Anderson Schneider



Marcos Palmeira gostou tanto do Festival que já sonha em voltar ano que vem com *O Casamento de Louise*, que ele ainda nem começou a filmar

grafia musical que o pai dele, Zelito Viana, está terminando de filmar sobre o compositor Heitor Villa-Lobos.

Para viver o maestro quando jovem, o ator, sem noção prévia de música, precisou passar dois meses

aprendendo violão, violoncelo e regência em três horas de aulas por dia. Isso, para não dar vexame na hora de manejar os instrumentos. Mas o resultado foi tão bom, segundo Palmeira, que até para um especialista vai ficar difícil de perceber que

na verdade ele não estará tocando ou regendo.

Ele se diz animado com o personagem pela "possibilidade de se popularizar a figura de Villa-Lobos, um homem apaixonado pelo Brasil, pela vida, pelas mulheres, que adorava jo-

gar sinuca, um homem simples". *Villa-Lobos* está praticamente todo rodado. Das onze semanas de filmagens, faltam duas. A produção parou momentaneamente em função de complicações causadas pelo pacote econômico do governo.

Rosaldo Rodrigues & Equipe

Fotogramas



Adauto Cruz

MÉRITO COLETIVO

O produtor Luiz Carlos Barreto foi homenageado do Festival na noite de sexta, mas preferiu distribuir o mérito com toda a família — os filhos Bruno e Fábio e a mulher Lucy, que compareceu com ele ao Cine Brasília (foto). "Somos a família Titanic. Se o cinema nacional afunda, vamos todos juntos", disse. E até o apelido de Barretão — como ele é conhecido no meio cinematográfico —, transferiu para a mulher. "Para mim, o 'Barretão' é Lucy"... O nome de Luiz Carlos Barreto consta como produtor em 60 filmes, entre eles, *Dona Flor e Seus Dois Maridos* (maior bilheteria do cinema nacional) e o recente *O Quatrilho*.

BRESSANIANAS

"Cinema é a forma de compreensão e apreensão da luz, uma herança da pintura."
"Tudo é lugar-comum. O desafio é combinar esses lugares-comuns"
"A concepção de música do meu filme vem da fotografia"
"Cinema é uma mancha do pensamento"
"Arte é alusiva, arte é citação. E toda citação tem o poder da despersonalização".

CHORO

O ator de *O Pulso*, Werner Schunnehan chorou com cena final de *Anahy de las Misiones*. "É a terceira vez que vejo o filme e é a terceira vez que choro nessa cena. Acho esse filme muito bonito", diz Schunnehan, também cineasta, que levou o prêmio de melhor filme no Festival de 1987 com o longa *O Mentiroso*. "Passei muito tempo me dedicando à família e estou num processo de *starting over* (recomeçando). Mas um novo longa só em 1999", promete.

SEM SAFRA

Quem gostou da safra de filmes gaúchos deste ano pode começar a ficar triste, pois no próximo não terá nenhuma produção vinda dos pampas competindo no Festival. Atualmente não há longas sendo rodados no Rio Grande do Sul e nem previsão para o primeiro semestre de 1998.

Memória fresca

As cenas de *O Baile Perfumado* e *Como Nascem os Anjos* no capítulo final do vídeo que conta a história do Festival receberam entusiasmados aplausos da platéia que estava no Cine Brasília, sexta-feira à noite. Talvez porque, sendo tão recentes, as emoções provocadas por ambos os filmes ainda estejam retidas na memória do público.

Casal

Unindo o útil ao agradável — ou seja, trabalho e namoro — Paulo Caldas, dos diretores de *O Baile Perfumado*, veio ao Festival juntinho com Janaina Diniz. Além de namorados, os dois têm um projeto juntos. Calda, junto com Lirio Ferreira (seu parceiro em *O Baile...*), é quem produz o documentário que Janaina está fazendo sobre o produtor de cinema Jarbas Barbosa.

DE OLHO NA TELA

- **A Cucaracha** (curta, DF)
- **Leo 1313** (curta, DF)
- **Tangerine Girl** (curta, DF)
- **O Rei da Vela** (longa, SP)

Hoje, às 20h30, no Cine Brasília

FESTA ABERTA

A entrega de prêmios do 30º Festival de Brasília, que acontece hoje às 21h30 no Cine Brasília, não será exclusiva para convidados, como noticiamos no Correo Dois deste domingo (fechado antes da organização anunciar que a festa seria aberta). A partir das 19h, serão vendidos 400 ingressos para o público em geral. E quem não conseguir chegar a tempo poderá acompanhar a premiação por meio de dois telões que serão instalados do lado de fora do cinema. Além de uma apresentação da Orquestra de Senhoritas, a atriz Itala Nandi fará uma apresentação surpresa na festa que será apresentada por Antonio Grassi, Maria Zilda Bethlem e Françoise Fourton.

PARALELOS

Tão esperado quanto o prêmio de melhor filme é o que será dado ao concorrente escolhido pelo júri da Unesco. Não à toa: o prêmio concedido pelo organismo internacional é de R\$ 20 mil. Além desse, outros prêmios paralelos serão concedidos aos melhores da mostra. O Correo Braziliense dará o Saruê (uma estatueta criada pelo artista plástico Galeno) e a Andi — Agência de Notícias dos Direitos da Infância vai premiar o filme que apresentar um olhar sensível sobre a infância e a adolescência — com o Prêmio Andi, criado pela designer Carla Amorim.

APOSTAS

Premiação de festival é sempre uma incógnita. Nunca se sabe quais são os critérios usados pelo júri e no final sempre acaba valendo o da distribuição de troféus. Mas parece não haver dúvida de que *Anahy de las Misiones* levará o prêmio de melhor filme no Festival deste ano. Pode-se apostar também no de melhor atriz (Araci Esteves) para o filme gaúcho. Já na categoria ator, Othon Bastos é o mais cotado por sua atuação em *A Grande Noitada*, de onde poderá sair também o melhor ator coadjuvante — o intérprete do personagem Caveroso. Arrisca-se a ganhar também quem apostar no prêmio de melhor fotografia para *Miramar* ou *Lua de Outubro* (quando esta coluna foi fechada, ainda não tinha sido exibido *O Cineasta da Selva*).

Adauto Cruz



CONFUSÃO

No sexto dia de Festival, a rotina dos frequentadores da parte de baixo da platéia do Cine Brasília (destinada a convidados e jornalistas) foi quebrada. Um grande número de cadeiras foi reservado para autoridades convidadas de um dos patrocinadores do evento. Resultado: muitos integrantes de equipes de filmes — atores e técnicos — ficaram de pé. Alguns não se contiveram. A atriz Marcélia Cartaxo e o cineasta Silvio Tendler foram dois que expuseram sua indignação. No final, as tais autoridades não compareceram e os indignados se alojaram sem problema.

TRILHA

Coisa inédita no caso de curta-metragem: sai nos próximos dias o álbum com a trilha sonora de *Posta Restante*, o filme de Janaina Diniz que passou ontem na mostra competitiva em 35mm do festival. Composta por Zé Ricardo, a trilha traz algumas curiosidades, como músicas infantis em arranjos funk. Janaina, para quem a música é uma personagem do filme, diz que Zé Ricardo conseguiu fazer exatamente o que ela tinha imaginado. "Parece que ele entrou na minha cabeça", admira-se.

BAIRRISMO

Não é querendo fazer qualquer julgamento sobre o filme de José Eduardo Belmonte, mas a acalorada reação do público do Cine Brasília a *5 Filmes Estrangeiros*, na noite de sexta, denotou um grande bairrismo da platéia. A euforia era tão grande que, quando a equipe do filme subiu ao palco (foto), uma mocinha entusiasmada gritou "Viva Brasília!" Convenhamos: esse exagero é muito provinciano.